Dois aspectos da revolução sexual:

I. «OLIMPÍADA DE ALCOVA»

Em vez de aprofundar e enriquecer o casamento, a atual atitude liberalizante em relação ao sexo estaria transformando um prazer numa tirania

JOSEPH EPSTEIN

QUE culpa se pode atribuir ao sexo na dissolução dos casamentos? Esta é simplesmente uma pergunta complexa. Tão complexa, na verdade, que dois dos maiores «cérebros» do nosso tempo, Bertrand Russel e Sigmund Freud, ao se referirem ao tema do casamento, parecem tê-lo feito de maneira equivocada.

Ambos acreditavam que a repressão sexual indevida, gerada em grande parte pela ignorância e pelos costumes, era responsável por uma grande dose de insatisfação na vida do casal. Ambos analisaram a sociedade em que viviam e viram os homens de seu tempo profundamente lacerados por um código de conduta sexual desnecessariamente rígido. Cada um deles teria acolhido com entusiasmo qualquer oscilação que se verificasse no pêndulo dos temas sexuais. Nem um nem outro poderia imaginar, contudo, que, quando o pêndulo finalmente se movesse, como aconteceu em nossa época, a oscilação fosse tão violenta a ponto de ameaçar o próprio funcionamento do relógio.

O bom combate que tais pensadores feriram contra a ignorância, a repressão humana e a hipocrisia na conduta sexual saiu finalmente vitorioso – mas o triunfo não se concretizou em maior liberdade e sim em mais ampla licenciosidade, o que não é de forma alguma a mesma coisa.

JOSEPH EPSTEIN é editor de *The American Scholar* e conferencista convidado da Northwestern University. Tem desempenhado diversas funções redatoriais, inclusive a de editor da *Enciclopédia Britânica*.

CONDENSADO DE "DIVORCED IN AMERICA: MARRIAGE IN AN AGE OF POSSIBILITY", COPYRIGHT © DE JOSEPH EPSTEIN.
UMA ADAPTAÇÃO DESTE CAPÍTULO APARECEU EM "PRISM", DE OUTUBRO DE 1974

O lugar outrora ocupado por Freud – sólido na base de seu conhecimento, compassível em sua filosofia – foi hoje tomado pelos «sexólogos», a ironizarem sobre o «sexercício» e a se oferecerem para provar às pessoas a potencialidade de seus órgãos sexuais «de modo que elas possam exercitá-los em todas as suas possibilidades». O lugar anteriormente ocupado por Bertrand Russel (guardião da causa científica em luta constante contra a crueldade humana gratuita, defensor da libertação sexual, mas sempre concorde com os padrões da decência e da dignidade humana) está hoje preenchido pelos charlatães do sexo, de olhos postos nos visores das câmaras, com imensa parafernália eletrônica a analisar em suas mais profundas minúcias um clitóris ou uma próstata em funcionamento.

Centros nervosos, glândulas, protuberâncias, ingurgitações, contrações... os sexólogos já não se referem ao comportamento humano mas ao comportamento do aparelho sexual humano. Qualidades tais como a reserva, o pudor, a vergonha e a fidelidade já não entram em suas cogitações, tendo sido desde há muito substituídas por termos como orgasmo, gratificação, impulsos de alta-freqüência, ejaculação. O sexo transformou-se no que Aldous Huxley certa vez descreveu como sendo «um maníaco na penumbra a lutar com outro maníaco».

Contudo, os sexólogos encontraram um público receptivo. Da forma estranha como as idéias, através do tempo e da divulgação, são dissolvidas e reduzidas a aspectos muitas vezes grotescos, também a campanha de Freud contra a indevida abstinência sexual (campanha que nunca ultrapassou os limites de um apelo à sociedade para que se desoprimisse um pouco) passou com o tempo a ser traduzida pelo conceito de que a atividade sexual é em si uma forma de saúde: quanto mais o indivíduo a pratica, tanto mais saudável ele é. A boa vida, vista sob esse plano, é aquela que se vive quase que exclusivamente pelo sexo e para o sexo.

É realmente muito fácil atacar os sexólogos e demonstrar que eles, quando não inconscientes, são superficiais. Apesar disso, por mais que possamos deplorá-los, sentimos ainda certa inclinação para observar suas manobras. Talvez, quem sabe, possam descobrir algum dia uma vértebra que, devidamente pressionada, massageada, sugada ou lambida, possa levar os amantes a atingir a nirvana de um êxtase prolongado. Enquanto isto, sua presença ronda as alcovas em toda parte, com suas intruções firmemente plantadas no cérebro dos amantes à medida que põem à prova suas qualidades.

Talvez em nenhuma outra situação o sexo seja mais cogitado do que no casamento e, todavia, talvez nenhuma outra instituição seja menos propensa a lidar com a moderna concepção sexual. O ideal dessa concepção é a variedade e a multiplicidade. No casamento, porém, pelo menos em teoria, uma única pessoa tem que suprir o papel das multiplicidades proibidas. Uma esposa tem que ser não somente

boa mãe, cozinheira e dona-de-casa, mas uma tremenda parceira sexual. Um marido deve ser não apenas um bom pai, administrador e companheiro, mas também o propiciador de plena satisfação noturna. Os velhos cães estão na obrigação de sempre aprender novos truques. A satisfação sexual é encarada como um direito – exigido por aqueles que não o recebem, e espezinhado pelos que são incapazes de proporcioná-lo.

Dessa forma, o sexo hoje se avulta em proporções maiores do que nunca. Jamais foi ele tão considerado uma condição impositiva não apenas de vida boa, mas já agora da própria vida. O sexo tornou-se nada menos do que uma forma moderna de salvacionismo,* um meio de transcender a monotonia da existência cotidiana, e, como tal, é dotado de enorme poder destrutivo. Não pode carregar o peso que se quer depor sobre ele.

No passado, as pessoas suportavam as deficiências sexuais de seus cônjuges, e, embora seja embaraçoso conviver com essas deficiências, elas eram consideradas suportáveis. Se o amor predominava, o ato sexual não constituía grande problema. O sexo em si ainda não se havia transformado numa atividade altamente especializada, como o salto em altura; não eram concedidas medalhas pelo desempenho sexual; as pessoas até então não se sentiam defraudadas, como viriam a mostrar-se mais tarde, se suas vidas amorosas não fossem tão intensas quanto *As Mil e Uma Noites*.

O psiquiatra e escritor Rollo May analisou extensivamente os efeitos de nosso atual enfoque em relação aos assuntos sexuais, e concluiu que a ênfase ora emprestada à técnica no sexo «conduz a uma atitude mecânica no que respeita ao ato sexual, que degenera em alienação, sentimento de abandono e despersonalização». A pergunta interessante, entretanto, é se a ênfase posta na técnica sexual não é resultado da alienação e da despersonalização, em vez de conduzir a esses fenômenos.

A resposta certa talvez seja que ambas as hipóteses são viáveis: a pessoa mergulha na técnica, no sexo em si, para afastar, ou pelo menos para aliviar, o terror da solidão atual; e então, como o sexo, por mais sofisticada que seja a técnica empregada, não pode realizar essa tarefa colossal, a solidão e o terror que o acompanham crescem cada vez mais. Nesse processo, a ternura é extraída da sensualidade, em vez de ambas fluírem conjuntamente; o sexo se torna pura e simples fornicação; e acabamos por ficar escravizados em nossos corpos ainda mais que no passado.

Em vez de ser o casamento idealmente o fim das rivalidades sexuais entre homens e mulheres, em vez de se tornar um relacionamento no qual a ternura e a sensualidade encontram confluência, cada qual convergindo para a outra e fortalecendo-a, na prática parece que o casamento, cada vez com menos freqüência, re-

---

* Conjunto dos princípios e doutrinas do Exército da Salvação (instituição evangélica e filantrópica, fundada em 1865 por William Booth). *(Nota do editor.)*

dunda em algo que nem sequer se aproxima desses ideais. Senão, como explicar a onda de adultérios e a enxurrada de manuais sobre técnicas sexuais para os casados?

Quando pensamos em quanto já se avançou, é difícil evitar uma sensação de desespero pela oportunidade perdida. Na realidade, em vez de havermos aprofundado e enriquecido os relacionamentos, desanuviado o sentimento de culpa e nos desenvolvido mentalmente, o que presenciamos atualmente é uma «Olimpíada de alcova», que é associada a uma tirania do desempenho, a expectativas irrealistas e a um salvacionismo mal situado.

Nada havia de especial valor no velho código da repressão sexual, pelo simples amor à repressão, e a maior parte dele era de fato danosa. Desde o momento em que o velho código foi afinal banido, entretanto, quão melhor teria sido se os casais fossem capazes de afirmar o sexo pelo que há de melhor nele – uma fonte de deleite e prazer, um meio de aprofundar e enriquecer potencialmente o seu relacionamento entre os cônjuges.

II. A VERDADE SOBRE A PÍLULA

ALICE LAKE

Perguntas que ainda preocupam a maioria das mulheres, respondidas pelas mais categorizadas autoridades no assunto, em face dos conhecimentos hoje adquiridos

A PÍLULA anticoncepcional é sem dúvida o processo de controle da natalidade mais difundido no mercado e também o mais seguro, mas, não obstante sua popularidade e segurança, há um imprevisto. No passado, nenhuma mulher tomaria essa carga maciça de hormônios diária, a menos que estivesse seriamente enferma. A pergunta «a Pílula é inofensiva?» gerou mais angústia e controvérsia do que ao ser feita a propósito de qualquer outro medicamento posto à venda.

Apesar da montanha de estudos científicos que já existe sobre o tema, a verdade a propósito das vantagens e desvantagens da Pílula continua a ser obscurecida pelo boato, o disse-me-disse e a falta de informação. A fim de ajudar a esclarecer as dúvidas, a revista norte-americana *McCall's* en-

CONDENSADO DE "McCALL'S" (JANEIRO DE 1975), © 1974 DE THE McCALL PUBLISHING CO., NOVA YORK

trevistou uma variada escala de especialistas – estatísticos, planejadores-familiares e ginecologistas – que prescrevem a pílula para as suas pacientes. Eis aqui, em resumo, uma série de perguntas que lhes foram feitas, em geral por pacientes apreensivas, e as respostas dadas.

A Pílula pode causar a morte? Em casos raros, sim. Mas, segundo os fatos registrados e os dados estatísticos norte-americanos, as possibilidades de morte decorrente do parto ou das complicações da gravidez são mais de dez vezes superiores. De cada 100 mil mulheres norte-americanas que esperam filho, 18 morrem em conseqüência da gravidez, sendo que os perigos aumentam com a faixa etária. Os riscos de morte provocada por coágulos sangüíneos entre as mulheres que evitam a gravidez pelo uso da Pílula, entretanto, caem para 1,5 por 100 mil, se a pessoa está abaixo dos 35 anos, e para 3,9, se está entre os 35 e os 44.

Talvez até mesmo estas estimativas sejam exageradas em relação ao atual índice de mortalidade, pois se referem ao ano de 1968, quando o conteúdo hormonal das pílulas fabricadas nos Estados Unidos era muito mais elevado. As marcas mais vendidas atualmente contêm um décimo do progestógeno e um terço do estrógeno das pílulas mais antigas.

O perigo de morte provém em geral do componente estrogênico, e as estimativas estatísticas admitem que, com as baixas dosagens de hormônio atualmente em uso, o risco de mortalidade possa cair para um quarto em relação aos números de 1968.

A Pílula causa o câncer? O câncer leva dez anos ou mais para desenvolver-se no organismo, e o uso generalizado da Pílula só começou a verificar-se a partir de 1965. Por esse motivo, os médicos não podem afirmar taxativamente se a Pílula não provoca o câncer. Várias centenas de mulheres, que participaram de pesquisas sobre a Pílula, iniciadas em 1965, continuam entretanto a ser examinadas com regularidade, e nenhum indício de câncer associado ao uso da Pílula tem sido verificado entre elas.

Alguns médicos chegam mesmo a acreditar que a Pílula *proteja* as mulheres contra algumas formas de câncer. Pesquisas recentes, por exemplo, demonstram que o fibrocistoma (tumor benigno do seio) tem um grau de incidência de menos da metade nas mulheres que usam a Pílula em relação às que adotam outros tipos de anticoncepcionais. Esses «caroços» não malignos vêm sendo há muito considerados como possíveis precursores do câncer do seio.

O câncer do útero é curável quando localizado logo de início, por meio de esfregaço de Papanicolaou. O exame obstétrico anual, conjugado ao esfregaço de Papanicolaou, talvez seja a melhor proteção da mulher contra o câncer do útero.

Se eu quiser interromper o uso da Pílula para engravidar, meu filho será uma criança normal? Em maio de 1974, o British Royal College of General Practitioners divulgou um relatório inicial a propósito de pesquisas realizadas com 46 mil mulheres (metade das quais fazendo uso da

Pílula), que vêm sendo examinadas rigorosamente desde 1968. Quase nove mil crianças já foram dadas à luz por essas mulheres, que estão sob observação, sendo que um quarto desse número corresponde a mães que anteriormente usavam a Pílula, e tais recém-nascidos não apresentaram índice de anormalidade superior ao observado em igual número de bebês nascidos de mães que nunca a haviam utilizado. O estudo britânico (o mais extenso já realizado até agora sobre a Pílula) analisa igualmente os casos de gravidez não planejada em pacientes que vinham usando contraceptivos por via oral, não tendo encontrado casos de bebês nascidos com anormalidades decorrentes desse fato.

Um relatório do Departamento de Saúde do Estado de Nova York, contudo, indica haver risco (cinco em cada mil nascimentos) de que a criança nasça com falta de um dos membros, ou de parte de um deles, quando o embrião no início da gravidez fica exposto a hormônios sexuais, como os que se encontram na Pílula. Daí os médicos passarem a aconselhar as mulheres que desejam ter filhos a que evitem uma interrupção pura e simples da Pílula, sendo preferível que, durante um período de três meses antes do início da gravidez pretendida, utilizem outro método qualquer de anticoncepcional.

Quais são as possibilidades de ter coágulos sangüíneos enquanto estiver usando a Pílula? São maiores do que se não a estivesse usando, mas, desde que as complicações causadas pelos coágulos sangüíneos são raras entre as mulheres jovens, o risco é bastante reduzido.

Há três ameaças: tromboflebite (inflamação de uma veia, geralmente da perna), embolia pulmonar (deslocamento de coágulo para os pulmões) e derrame (decorrente da obstrução de um vaso sangüíneo do cérebro por com coágulo). As possibilidades da ocorrência de uma das três hipóteses são quatro a seis vezes maiores nas mulheres que usam a Pílula.

Contudo, das 46 mil mulheres observadas pelo estudo britânico, somente se verificaram 41 casos de tromboflebite da perna entre as que usavam a Pílula por um período superior a seis anos – contra 10 casos entre as que não faziam uso da Pílula. O derrame é ainda mais raro: 16 casos entre as que utilizavam e 4 entre as que não tomavam a Pílula. Os casos de embolia pulmonar foram tão reduzidos que o estudo não os levou em consideração.

A Pílula atual continua a afetar as funções químicas do organismo feminino? Muito menos do que faziam as antigas. Cada mulher produz e metaboliza o estrógeno e a progesterona de maneira diferente. Os efeitos colaterais desagradáveis da Pílula (amolecimento dos seios, náuseas, aumento de peso, pequenas hemorragias entre os períodos menstruais) são devidos tanto ao excesso quanto à carência de hormônios, dependendo de cada caso particular. Esses efeitos colaterais em geral decrescem durante os três primeiros meses de utilização

da Pílula, período em que o organismo vai se ajustando à nova carga hormonal.

Se persistirem efeitos desagradáveis após os três meses, a mulher deve consultar o médico, pois a mudança para outra fórmula que contenha menor teor de estrógeno-progestógeno fará provavelmente com que o problema desapareça. Complicações que exijam a suspensão do uso da Pílula têm sido raras.

Daqui a 20 anos, poderá ocorrer-me qualquer coisa de terrível em consequência do uso da Pílula? Embora ninguém possa predizer com segurança o que ocorrerá daqui a 20 anos, as pesquisas atuais encerram pouca preocupação quanto ao futuro. A experiência demonstra que a probabilidade de efeitos colaterais sérios não parece multiplicar-se com a continuidade do uso. Tais complicações manifestam-se com um ano ou pouco mais, ou não se manifestam de todo, e quase todas desaparecem logo que a mulher deixa de usar a Pílula. Recente estudo britânico assinala que apenas 14% das mulheres que tiveram coágulo sangüíneo em decorrência do uso da Pílula apareceram com um segundo coágulo nos seis anos subseqüentes.

A elevação da pressão arterial é outro problema, relacionado com a Pílula, e que desaparece com o uso descontínuo da mesma Mais de 11 mil mulheres (um terço das quais usavam a Pílula) vêm sendo observadas desde dezembro de 1968 no Centro Médico Permanente de Walnut Creek, na Califórnia. Verificou-se uma tendência de pressão mais elevada entre as mulheres que usavam pílulas, em relação às outras, embora em índices considerados normais. Algumas dessas mulheres, entretanto, passaram habitualmente a ter pressão alta (a freqüência é de cerca de seis vezes maior entre as que usam a Pílula), e por isso os médicos acharam que elas deviam abandoná-la. O estudo indicou também que as mulheres que vinham há muito utilizando a Pílula apresentavam praticamente os mesmos índices de pressão arterial das que nunca a haviam usado. (A pressão alta é uma das mais freqüentes complicações da gravidez, mas que cessa em geral logo após o nascimento da criança; em algumas mulheres, a Pílula parece apresentar o mesmo efeito da gravidez sobre a pressão sangüínea.)

Há efeitos colaterias benéficos pelo uso da Pílula? Sim, e a lista deles está aumentando. Além do efeito de proteção, recentemente descoberto, contra os tumores benignos do seio, uma pesquisa realizada nos hospitais de Boston em 1972 demonstrou que os cistos ovarianos funcionais que requerem cirurgia se desenvolvem 12 vezes mais freqüentemente em mulheres que *não* estejam usando a Pílula do que nas que a usam.

Com a menstruação completamente indolor e regulada a cada 28 dias, as mulheres que usam a Pílula tendem a esquecer a incerteza, a tensão e o desconforto que antes possam ter experimentado. A anemia por deficiência ferrosa é diagnosticada em menos da metade das mulheres que usam a

Pílula, pela razão de que há menor perda de sangue durante a menstruação. Outro benefício é o de uma figura mais esbelta. (Surpresa depreendida do estudo de Walnut Creek: as mulheres que usavam a Pílula pesavam *menos* do que o grupo controlado das não-utilizadoras, em todas as faixas etárias.)

Devem as mulheres usar a Pílula? Nenhum medicamento é ideal, e quanto maior o seu efeito, tanto maior a possibilidade de que algumas mulheres sejam hipersensíveis a ele, tanto física quanto emocionalmente. Contudo, a maior parte das decisões da vida implicam uma alternância de risco e proveito. Ao tomar *sua* decisão, a mulher pode levar em conta a conclusão a que chegou, após exaustivo estudo, o Royal College of General Practitioners, de Genebra:

«Embora seja evidente a existência de algumas desvantagens associadas ao uso de contraceptivos orais, é bastante reduzido o risco de efeitos nocivos. Parece que o perigo previsto do uso da Pílula no presente momento é de molde a que as mulheres bem informadas o assumam com prazer.»

GERENTE de pessoal à nova secretária: «Quanto ao seu ordenado, é um assunto confidencial. Não deve mencioná-lo a nenhum de seus colegas.»

«Ah, prometo que não o mencionarei a ninguém!», disse ela. «Tenho tanta vergonha disso como o senhor.» – J. C.

DOIS AMIGOS que não se viam havia muito tempo encontraram-se e um perguntou ao outro:

«Para quem você está trabalhando agora?»

«Para a mesma companhia – minha mulher e meus seis filhos», respondeu o outro. – F. N.

AVISOS fora do comum, como este, têm sido afixados no saguão do aeroporto de Shannon, Irlanda, depois de um inquérito sobre as causas da demora na partida dos aviões: «Comecem seus beijos de despedida bem cedo, para que os aviões possam partir no horário.» – *Paris Match*

EM PARIS, há uma galeria especializada em pintura moderna, onde se pede aos visitantes que anotem no Livro de Ouro seu nome, sua opinião e o motivo da visita. No fim de uma das páginas, estava escrito: «Jean Dupont. Opinião: Não compreendi nada. Motivo da visita: Chuva torrencial.»